

**“COMPREENDO, LOGO EXISTO”: REFLEXÕES DIALÓGICAS
SOBRE A INDISCIPLINA ESCOLAR**

Wilder Kleber Fernandes de Santana (UFPB)

wildersantana92@gmail.com

Roneid Lopes Tavares (UFPB)

roneidtavares8@gmail.com

Rafael Marques Garcia (UFRJ)

rafa.mgarcia@hotmail.com

RESUMO

Este estudo objetiva realizar um trabalho investigativo sobre a indisciplina escolar, a qual têm se proliferado em diversas instituições brasileiras na educação básica. Para tanto, além dos autores que integram essa vertente de estudos (AQUINO, 1996; REGO, 1996; PARRAT-DAYAN, 2008), recorreremos às contribuições de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e o círculo para os estudos na contemporaneidade brasileira. Nessas direcionalidade, este consiste em um trabalho de cunho reflexivo-dialógico, em que se operacionalizam deslocamentos de linguagem sob viés do dialogismo bakhtiniano. Os resultados apontaram para o fato de que a indisciplina pode ser combatida sob horizonte de práticas concretas e efetivas de movimentos dialógicos em sala de aula, os quais potencializam o ensino e a aprendizagem, na medida em que situamos estudantes constitutivamente diante de fatores socio-histórico-ideológicos.

Palavras-chave: Ensino. Indisciplina escolar. Reflexões dialógicas.

ABSTRACT

This study aims to conduct an investigative work on school indiscipline, which has proliferated in several Brazilian institutions in Basic Education. Therefore, in addition to the authors who integrate his strand of studies (AQUINO, 1996; REGO, 1996; PARRAT-DAYAN, 2008), we resort to the contributions of Mikhail Mikhailovich Bakhtin and the circle for studies in Brazilian contemporary times. In this directionality, this consists of a reflexive-dialogical work, in which language displacements are operationalized under the bias of Bakhtinian Dialogism. The results pointed to the fact that indiscipline can be fought under the horizon of concrete and effective practices of dialogical movements in the classroom, which potentiate teaching and learning, as they situate students constitutively before socio-economic factors historical-ideological.

Keywords: Teaching. Dialogical reflections. School indiscipline.

1. Introdução

Falar sobre a indisciplina escolar e sua influência direta nos processos de ensino e aprendizagem da língua portuguesa não é tarefa fácil,

principalmente sobre as lentes da perspectiva dialógica do discurso, teoria tem oferecido diferentes subsídios para o trabalho com a língua viva (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2006; 2013) em sala de aula. Cabe mencionar que esse nosso trabalho não é pioneiro ao buscar respaldo nos estudos dialógicos, uma vez que diversas pesquisas e interpretações já vêm tecendo produções (AQUINO, 1996; REGO, 1996; PARRAT-DAYAN, 2008).

Uma das grandes contribuições dos estudos dialógicos está no fato de que problematizam e questionam o método formal⁶ de ensino, uma vez que este se centraliza nas concepções tradicionais de práticas educativas, especificamente na questão dos usos da linguagem. O próprio termo formal concebe um ensino isolado e preso a uma noção de língua como pura coisa morta. (BAKHTIN, 2006)

A indisciplina⁷ dos alunos em sala de aula, assim como suas consequências para o processo de ensino e aprendizagem, têm sido tão presentes no cotidiano escolar que se configurou como uma das principais discussões em torno da educação, por ser um dos maiores problemas institucionais. A postura indisciplinar de grande parte das instituições acaba prejudicando os processos ensino e aprendizagem, o que tem deixado os professores insatisfeitos para o exercício do seu trabalho. Como afirmava Júlio Groppa Aquino (1996, p. 9) próximo à virada para o século XXI,

⁶ Quando falamos em método formal, não nos referimos a um movimento vernáculo, mas a um empreendimento feito por estudiosos formalistas sobretudo na Rússia. Em grande parte da Europa e especificamente na Rússia, na primeira metade do século XX, esteve hegemônico um ensino de literatura e de línguas puramente formal, "tanto nas escolas em ensinos fundamental e médio quanto em centros universitários" (SANTANA, 2018, p. 166). Sheila Camargo Grillo nos ajuda a compreender que alguns grupos, em terreno russo, a exemplo da *Sociedade para o Estudo da Língua Poética* (OPOYAZ) propunham um estudo mediante o qual houvesse a distinção entre linguagem prática e linguagem poética. Integram esse grupo, com surgimento entre 1916 e 1917, "Viktor Chklóvski (1893–1984), Iury Tiniánov (1894–1943), Boris Eikhenbaum (1886–1959), Viktor Vinógrádov (1895–1969), Viktor Jirmúnski (1891–1971) e o próprio Lev Iakubinski (1892–1946)" (GRILLO, *Ensaio introdutório*, 2017, p. 42).

⁷ Ao refletir ativamente sobre a Indisciplina escolar, Roneid Lopes Tavares (2018) compreende o trabalho docente como uma das tarefas mais difíceis de realizar, uma vez que implica a formação de cidadãos que pensem com amplitude de critérios e saibam fazer uma leitura inteligente das dificuldades do momento histórico em que vivem. Nesse sentido, na ótica da autora, o comportamento do aluno no ambiente de ensino muitas vezes é refletido através das formas e experiências vividas no meio familiar e social, e tais comportamentos se caracterizam através de descumprimento de ordens, conversas, paralelas, bagunça, brincadeiras fora de hora, falta de limites..

“Há muito tempo os distúrbios disciplinares deixaram de ser um evento esporádico e particular no cotidiano das escolas brasileiras, para se tornarem um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais”.

Nessa linha discursiva, a referente pesquisa se justifica pelo fato de estar na pauta de grandes discussões de nível regional e nacional, através das quais extraímos ensinamentos e aprendizagens significativas no contexto escolar. Assim, é necessário substituir práticas tradicionais por atos concretos dialógicos que proporcionem momentos de debate, discussão e reflexão, com o intuito de permitir maior interação e participação dos alunos em sala de aula, buscando provocar mudanças que contribuam para um clima mais harmonioso e favorável para maior aproximação dos alunos entre si, bem como de professores e alunos (TAVARES, 2018).

Assim, é preciso, na medida em que se desenvolvem estratégias para a constituição de sujeitos dialógicos (SILVA-JÚNIOR; SANTANA, 2019), repensar sobre novos modos de agir docente, para que através de novas táticas de ensino e aprendizagem os estudantes se reconheçam como criadores de cultura, colaboradores em um sistema que os edifiquem “numa postura de autorreflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço” (FREIRE, 2003, p. 44). Nesse sentido, concordamos com Wilder Kleber Fernandes de Santana e Éderson Luís Silveira (2019) sobre a necessidade de se criar efeitos de responsabilização por aquilo que assinamos e/ou enunciamos, de forma os professores, na posição de pesquisadores ativos, sejam responsáveis pelo objeto de estudo, pelas palavras enunciadas, lançando-as como um devir.

Nesse ínterim de discussões, estruturamos o presente artigo em três seções: a primeira, intitulada “Refletindo Dialogicamente sobre a Indisciplina Escolar” empreende discussões teóricas sobre práticas concretas de ensino que resistam ao fenômeno indisciplinar. Na segunda seção, “Família e Escola no Combate à Indisciplina”, recorremos a reflexões no âmbito da educação para potencializar e embasar nossos dizeres acerca da importância dos estudos dialógicos da linguagem. Depois, vem as considerações finais e as referências.

Os resultados apontaram para o fato de que as práticas concretas de ensino e aprendizagem sob horizonte dos estudos dialógicos potencializam o manejo docente para educação escolar, na medida em que estes situam os estudantes constitutivamente diante de fatores sócio-histórico-ideológicos.

2. Refletindo dialogicamente sobre a indisciplina escolar

A noção de dialogismo está diretamente ligada à percepção da interação verbal, discutida principalmente por Valentin Nikolaevich Volochínov (2017), o qual, de acordo com Wilder Kleber Fernandes de Santana (2018), fundamenta-se na crítica sociológica e apresenta respostas às correntes formalistas em vigor na Rússia. Nesse sentido, refletir dialogicamente sobre a indisciplina consiste em ponderar sobre atos docentes, assim como reenunciar as metodologias que têm sido efetivadas no contexto escolar.

Para a prevenção da indisciplina, faz-se necessário manter uma boa relação entre educador/educando. É essencial que haja investimento na capacitação dos mesmos por parte de autoridades ligadas à educação. É necessário também o apoio da família, pois hoje há muitas famílias que não impõem limites a seus filhos delegando esta responsabilidade aos educadores. A falta de estrutura familiar vem deixando sequelas psicológicas e emocionais nas crianças, tornando-as indisciplinadas em casa, o que se reflete na sala de aula. Todavia, o relativo controle da indisciplina contribui para o processo socioeducativo da criança, trazendo benefícios para seu cotidiano (PARRAT-DAYAN, 2008).

O conceito de indisciplina não é estático, nem uniforme, nem universal. A indisciplina está relacionada a um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre culturas diferentes, nas diferentes classes sociais (OLIVEIRA, 2005; TAVARES, 2018).

As concepções existentes sobre indisciplina devem ser compreendidas como uma construção social, carregada de valores culturais e expectativas que vão se delineando ao longo da história, que a caracteriza como um processo dinâmico e não natural (REGO, 1996). Ainda nas lentes do autor, o comportamento indisciplinado está diretamente relacionado à ineficiência da prática pedagógica desenvolvida por meio de metodologias que subestimam a capacidade dos alunos e constantes ameaças, visando o silêncio da turma. (REGO, 1996)

Ao compreendermos a indisciplina⁸ a partir da perspectiva dialógica (BAKHTIN, 2006), entendemos que é preciso trabalhar esse fenô-

⁸ Sobre as consequências advindas de um efeito de silenciamento da existência indisciplinar, Roneid Lopes Tavares (2018) empreende que são gerados graves transtornos, na sala de aula, sentidos através do descumprimento de regras da falta de limites dos alunos com os professores, agindo mu-

meno buscando correlacionar seus elementos constitutivos, lançando um olhar histórico ao sujeito, produto e produtor de uma dada sociedade.

Para Júlio Groppa Aquino (2003), a indisciplina constitui-se como um fenômeno escolar que ultrapassa fronteiras socioculturais e também econômicas. Em mesma linha interpretativa, Maria Izete Oliveira (2005, p. 21) afirma que, Além de a indisciplina causar danos ao professor e ao processo ensino–aprendizagem, o aluno também é prejudicado pelo seu próprio comportamento: ele não aproveitará que se nada dos conteúdos ministrados durante as aulas, pois o barulho e a movimentação impedem qualquer trabalho reprodutivo.

Muitas vezes, a indisciplina pode ser uma forma do aluno se expressar, sinalizando que algo não vai bem, como nos provoca Bernard Charlot (2011), [...] o problema não é o da indisciplina, essa é um sintoma, a questão é o do sentido, da relação dos jovens com a escola e com o saber”. Acreditamos ser esse ponto, o que requer pensar uma educação que gere nas crianças uma outra noção de disciplina escolar. Se o aluno é indisciplinado, isso tem um sentido para ele. O professor precisa investigar o que leva esse aluno a agir com indisciplina muitas vezes ele está passando por algum problema em família ou até mesmo um problema de saúde (TAVARES, 2018).

Segundo a caracterização proposta por Bernard Charlot (2002), as incivildades se referem a condutas que se contrapõe às regras da boa convivência. Essas incivildades cotidianas na escola são por exemplo, as grosserias, as ofensas verbais, a falta de respeito. Os professores veem essa conduta incivilizada como ausência da influência educativa da família, por serem eles responsável pela socialização primária dos seus filhos e pela sua formação nos ensinamentos de civilidade, e muitas vezes por vários motivos os pais esperam que a escola se responsabilize por essa formação.

Joe Garcia (1999, p. 102) afirma que, “é preciso, por exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental, [...] é necessário pensá-la em consonância com o mo-

tas vezes com atitudes agressivas. Tal comportamento atrapalha o processo de aprendizagem não só do aluno indisciplinado, como dos outros alunos que acabam dispersando e não atentam para o conteúdo, o professor não consegue desenvolver uma boa aula pois tem que ficar o tempo todo tentando controlar esse aluno.

mento histórico desta virada de século”. Dessa forma, a indisciplina tem que ser vista de maneira complexa, considerando aspectos como o social, o comportamental, as responsabilidades da família e da escola, e não pode ser deslocada do momento histórico que estamos vivendo.

3. Família e escola no combate à indisciplina

A família tem um papel primordial na vida educacional das crianças. É dela que, primeiramente, parte a educação, e quando a família não consegue transmitir esses valores, seja por uma desestrutura familiar ou outros problemas sociais cria uma sobrecarga para a escola, especialmente para os professores. Quando isso acontece, uma transferência de responsabilidades é emitida à escola, que nem sempre consegue um bom resultado e acaba devolvendo o problema para a família.

Também se constitui como obrigação da família, o exercício diário com a educação dos seus filhos e consequentemente o repasse de valores essenciais à vida em sociedade, pois o que percebemos hoje, é que os pais têm deixado esse legado inteiramente nas mãos do professor e da escola. A falta de compromisso da família para com a educação dos seus membros, também contribui para o crescimento da indisciplina, dentro e fora da escola. Nesse sentido, Silvia Parrat Dayan (2008) assevera que os problemas concatenados à indisciplina podem ser provocados por problemas psicológicos ou familiares, ou da construção escolar, ou das circunstâncias sócio-históricas.

Nesse direcionamento argumentativo, os sentidos múltiplos se concretizam no entrecruzamento extraverbal (conteúdo), o qual promove singularidade pelo fenômeno ideológico. Recorremos, assim, aos apontamentos realizados por Pável Medviédev (2016), para quem

Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. O sentido ideológico, abstraído do material concreto, é oposto, pela ciência burguesa, à consciência individual do criador ou do intérprete... Cada produto ideológico e todo seu “significado ideal” não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante. (MEDVIÉDEV, 2016, p. 49-50)

Com novas estruturas familiares, o avanço tecnológico e a velocidade com que as coisas acontecem, os alunos necessitam de motivação em sala de aula. Aulas mais dinâmicas e inovadoras para que estes se sintam parte integrante do grupo ao qual pertencem e sejam capazes de atuar nas mais diversas situações que se apresentem no seu cotidiano. É papel da família e da escola preparar este sujeito para a vida e o mundo que encontrarão a sua frente. Sem essa estrutura familiar adequada, as crianças costumam agir da mesma forma na escola tornando o convívio escolar muito complicado (TAVARES, 2018).

Atualmente, observa-se a necessidade de um trabalho pautado na dialogicidade e, na colaboração entre todos os envolvidos na trama da indisciplina, alunos, família e escola. O professor atualmente precisa se empenhar mais para conseguir a atenção do aluno, pois eles não conseguem ficar o tempo todo sentado, só ouvindo ou copiando atividades, ele precisa deixar que esse aluno fale, pergunte, se expresse, que elabore suas próprias ideias.

E preciso melhorar dentro da sala de aula as possibilidades de reflexão, de diálogo e participação, tais atitudes, ajudariam a integrar os alunos, uma vez que, tem-se no diálogo a melhor maneira de identificar e conhecer a realidade e os saberes dos mesmos, haja vista, que já carregam saberes que devem ser respeitados, buscando entender as necessidades dos educandos, pois muitas vezes o meio social em que vivem contribuem para que sejam indisciplinados (TAVARES, 2018).

Em escolas desestruturadas e com falhas funcionais, atuar como professor se torna árduo principalmente na atualidade, onde recaem sobre eles a responsabilidade de ensinar normas básicas de conduta que deveriam vir da família. De acordo com Júlio Groppa Aquino (1996, p. 22), “a indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente a ‘falhas’ psicopedagógicas, pois está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa”. Quando a indisciplina ultrapassa os limites na sala de aula, é hora de o professor refletir e repensar as regras e metodologias propostas sobre o grupo. Se essas regras e metodologias estariam sendo ineficazes e o que deverá ser feito para solucionar o problema (TAVARES, 2018).

A autoridade do professor não pode ser confundida com autoritarismo. Este sujeito precisa estabelecer limites, mas também prepará-los para a vida. Ensinar os alunos a serem responsáveis pelo respeito e pelas regras em comum.

Clara Regina Rappaport (2006) afirma que, durante a infância, os pais representam as figuras centrais da afetividade, são protetores, sabem encontrar soluções para as dificuldades, têm o poder de tomar decisões sobre a vida dos filhos.

A partir dessas relações familiares, a criança vai desenvolver um sentimento de identidade vai aprender a se conhecer. É na família que se inicia o bom convívio em sociedade, é ela que transmite segurança para enfrentar qualquer problema, mas se por algum motivo a família se desestruturar, ou viver em conflitos, será uma razão para a indisciplina existir em uma criança, interferindo diretamente no espaço escolar e na sociedade.

Portanto, diante da situação da indisciplina em sala de aula, percebe-se que o problema carece de um olhar e análise mais profunda por parte da escola e da família, pois esta parceria se faz imprescindível para o sucesso educacional de nossas crianças. Júlio Groppa Aquino alerta, “Limite: as crianças hoje, não teriam limites, os pais não os imporiam, a escola não os ensinaria, a sociedade não os exigiria, a televisão os sabotaria etc.” (AQUINO, 1996, p. 9). Essa rotina compromete a educação dos alunos, tornando-os, em consequência disso, pessoas egoístas, mesquinhas, e o mais grave, pessoas solitárias e depressivas, incapazes de interagir e conviver de forma harmônica com seus semelhantes.

Portanto, a família, na sua grande maioria, delega algumas obrigações da educação do filho à escola e ao professor, eximindo-se do seu papel fundamental de parceira da instituição de ensino na educação da criança. Os professores, diante dessa situação, se vêm forçados a responder pelo comportamento positivo ou negativo do aluno, além de se preocupar com o programa curricular, provas, exercícios e etc. (TAVARES, 2018). O papel de educar é de obrigação dos pais. O da escola é lapidar esta educação que já vem de casa e repassar conhecimentos que os ajudem na formação de cidadãos críticos, capazes de atuar positivamente no meio o qual estão inseridos.

Mediante isto, faz-se necessário uma maior interação entre escola e família, pois só com o acompanhamento efetivo e eficaz dos alunos é que teremos um melhor resultado no que concerne à indisciplina na sala de aula, aliado a isso, diante do que foi observado nos estágios, melhoria no desempenho metodológico dos professores em suas aulas.

A escola e a família devem construir-se mutuamente no referente às crianças, sendo parceiras na atribuição e no desenvolvimento dos filhos, cada uma com sua responsabilidade, mostrando os valores e objetivos referentes à educação. A escola é um espaço onde se encontram crianças com uma boa formação na família, como também as que tiveram experiências negativas, gerando assim uma grande diversidade de alunos na sala de aula. Contudo, a escola não está preparada para lidar com esse universo de alunos advindos de famílias e com formações diferentes.

Com as transformações da sociedade na vida moderna a maioria dos pais passam o dia todo trabalhando na luta pela sobrevivência e o pouco tempo que se tem em casa, junto à família, é utilizado pelos programas de televisão pelos dispositivos móveis de comunicação, que impedem a comunicação entre os membros, prejudicando o bom relacionamento da família. O que acarreta deficiência na educação, no ensinamento de regras e limites, o que muitas vezes tem transferido para a escola essas tarefas que deveriam ser suas. Como bem diz Piaget:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p. 50)

É necessário que a escola e a família tenham diálogos e interesses em comum na construção de sujeitos críticos e responsáveis, para que assim estes possam crescer e se desenvolver da melhor maneira possível. O envolvimento da família na educação escolar de seus filhos é muito importante, e contribui para a realização de um trabalho conjunto com estes, criando estratégias e ações pedagógicas para o bom relacionamento entre todos na escola.

4. Considerações finais

O tema da indisciplina escolar não é atual, e já está no bojo de discussões entre pesquisadores do campo educacional desde a segunda metade do século XX. No entanto, nossa proposta é a de repensá-la dialogicamente, compreendendo que a prática docente convoca reações discentes.

A expressão “Compreendo, logo existo”, não é impensada, mas sobretudo articulada à concepção dialógica do sujeito. É preciso, portanto, compreender os fatores que englobam as problematizações do campo educacional, gestor e docente para poder existir enquanto sujeito responsivo ativo (BAKHTIN, 2006). De igual modo, é possível dar existência ativa aos estudantes como sujeitos responsáveis, distantes de uma postura indisciplinar.

O trabalho assinalou como um dos resultados fundamentais as reflexões dialógicas e em sala de aula, as quais são essenciais para a compreensão de que os estudantes se constituem alteritariamente, e esse é um dos caminhos para combate à indisciplina.

Nesse permear de (des)continuidades, tencionamos que esta proposta crie ecos para interpelações existentes, assim como servir de embaçamento e réplica para outras análises futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Júlio Groppa. *Indisciplina o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abor-15 dam essa questão. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-43, jul/dez 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. In: *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. Curitiba, n. 95, p. 101-8, jan./abr. 1999.

GRILLO, Sheila Camargo. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. Ensaio introdutório. In: VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

HAMMES-RODRIGUES, Rosângela; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. *Estudos dialógicos: da linguagem e pesquisa em linguística aplicada*. São Carlos: Pedro e João, 2016.

MEDVIÉDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica*. Trad.: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Maria Izete. *Indisciplina escolar: determinações, consequências e ações*. Brasília: Liber Livro, 2005.

PARRAT-DAYAN, Silvia. *Como enfrentar a indisciplina na escola*. Trad. de Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. São Paulo: Contexto, 2008.

PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

RAPPAPORT, Clara Regina. *Encarando a adolescência*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

REGO, Teresa Cristina Rebolho. A indisciplina do ponto de vista dos professores e dos alunos. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.). *Indisciplina na escola*. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996.

ROHLING, Nívea. A atuação do professor de língua portuguesa discursivizada na educação à distância: uma escuta dialógica. In: HAMMES-RODRIGUES, Rosângela; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. *Estudos dialógicos: da linguagem e pesquisa em linguística aplicada*. São Carlos: Pedro e João, 2016.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Ensino dialógico de literatura na educação básica e a formação de sujeitos críticos. In: PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira; SILVEIRA, Éderson Luís. *O ensino na educação básica: diálogos entre sujeitos, saberes e experiências docentes*. São Carlos: Pedro e João, 2018.

_____; SILVEIRA, Éderson Luís. Reflexos e refrações educacionais: do dizer ao fazer (Apresentação). In: ____; _____. (Orgs). *Educação: ressonâncias teóricas e práticas*. São Carlos: Pedro & João, 2019, vol. 1.

SILVA-JÚNIOR, Silvio Nunes da; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Língua oral e língua escrita: a constituição do sujeito dialógico nos PCN de língua portuguesa. In: *Interfaces*, vol. 10, n. 1, p. 55-66, 2019.

TAVARES, Roneid Lopes. *Indisciplina escolar: o que dizem os professores? Trabalho de conclusão de curso (pedagogia)*. Universidade Federal da Paraíba – Centro de Educação, João Pessoa. 2018.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. “Ensaio introdutório” de Sheila Camargo Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.